

Albano Martins

O essencial de
ALCEU E SAFO

hcm

Albano Martins

O essencial de
ALCEU E SAFO

hcm

INTRODUÇÃO

Um célebre vaso grego conservado em Munique guarda para a posteridade a imagem, gravada por mãos anónimas, dos dois poetas aqui reunidos: Safo e Alceu. De rosto inclinado e uma lira na mão esquerda, parece este render homenagem àquela que, num epigrama atribuído a Platão, é considerada a décima musa ¹. A atitude reverente, a tradição recolhida, por Aristóteles na *Retórica*, ²

¹ Eis, em versão portuguesa, o texto do epigrama: «Que são nove às Musas, dizem alguns erradamente./Há também Safo de Lesbos, que é a décima.»

² I, 1367.

e o retrato que de Safo nos legou Alceu ³ têm servido para alimentar a convicção de que este nutriu por aquela um secreto (se não mesmo confessado, mas repudiado) amor. Para ter-se como verdadeira, a suposição carece de melhor prova.

Naturais de Lesbos, ilha grega do mar Egeu, famosa a diversos títulos, vivendo nos finais do século VII a.C. e pertencendo ambos a famílias nobres de Mitilene, a capital da ilha, Safo e Alceu são, juntamente com Anacreonte, os representantes, na Grécia antiga, da chamada lírica monódica, por oposição ao lirismo coral, sobretudo representado por Píndaro.

Relativamente vasta, segundo testemunhos chegados até nós ⁴, a obra dos dois poetas só pode hoje ser avaliada através de fragmentos, geralmente de reduzida extensão. Obscuros agentes operaram no texto de ambos, ao longo dos séculos, particularmente no período cristão da literatura grega, mutilações já agora impossíveis de suprir, mau grado as tentativas de restauração (compreen-

³ Frag. n.º 31 da presente edição.

⁴ De acordo com tais testemunhos, a obra de Alceu seria constituída por dez livros, a de Safo por nove.

síveis ou louváveis, mas de resultados sempre duvidosos) a que têm sido submetidos alguns dos referidos fragmentos, especialmente de Safo.

O envolvimento e o perfume que de tais fragmentos se desprende são bastante diversos, num e noutro dos poetas. Alceu é o cidadão empenhado nos acontecimentos políticos que agitam a sua época. O seu temperamento arrebatado leva-o a participar activamente nas lutas travadas entre a aristocracia da sua ilha natal e os tiranos impostos pela plebe. Sofreu o exílio, regressou à pátria quando o tirano Pítaco renunciou ao poder, comemorou numa ode (frag. n.º 8) a morte do tirano Mírsilo, combateu contra os Atenenses pela posse de Sigeu. Cantou, enfim, o amor e o vinho, «remédio dos males»⁵.

É outro o mundo de Safo. «A sua casa», informam J. Hubert e H. Berguin, «era uma

⁵ «Heraclides do Ponto definiu o carácter dos Eólicos, dizendo que ele é *altivo, pomposo* e até *um tanto vaidoso*, como o atesta o seu gosto pela criação de cavalos e a sua generosa hospitalidade; que ele não é *malicioso*, mas antes *exaltado* e *confiante*. É por isso, acrescenta, que a sua inclinação os conduz à bebida, ao amor e, dum modo geral, a uma grande liberdade nos costumes» (Aimé Puech, *Alceu-Safo*, «Les Belles Lettres», 4.ª ed., Paris, 1980, pág. 4).

espécie de academia para raparigas; o canto, a dança, o manejo da lira, a leitura dos poetas constituíam o programa». E acrescentam: «A inspiração de Safo está concentrada no seu círculo de raparigas e na sua vida íntima. Nenhum eco das lutas políticas»⁶.

O amor (e suas adjacências: a saudade, o ciúme...) ocupa na poesia de Safo um lugar dominante.

Seja qual for o entendimento que se tenha (Camões: «E entendei que, segundo o amor tiverdes, /Tereis o entendimento de meus versos») da natureza e grau dos afectos por ela manifestados para com as «alunas» da sua academia, não se recusará, em qualquer caso, a límpida frescura, a *verdade*, a magia, a delicada sensibilidade e a altura de um canto que tem surpreendentemente resistido às erosões mais devastadoras, às tesouras censórias e aos autos-de-fé inquisitoriais.

Os fragmentos que a seguir se apresentam, vertidos do original grego⁷, constituem apenas uma parcela — a mais valiosa, cremos — do que

⁶ *História Ilustrada da Literatura Grega*, Paris, 1961, pág. 80.

⁷ Safo e Alceu exprimiram-se em dialecto eólico.

resta do testamento poético de Safo e Alceu. Entregamo-los ao leitor português na convicção (ou antes, na certeza) de que muito do encanto e do ritmo originais se terá perdido nos meandros da transposição. Como diz Carlos García Gual, «o tradutor de poemas está condenado à traição e ao fracasso». Acreditamos, porém, como ele, que «talvez a traição valha a pena se o resgatado for superior ao que se perdeu, se a deformação não resultar excessiva, se a palidez prosaica da nova versão não impedir a leitura admirada nem o entendimento emotivo»⁸.

Uma preocupação tivemos: a do respeito e fidelidade aos textos originais. Foram esse respeito e essa fidelidade (nem sempre lograda esta, talvez, mas sempre perseguida) que moldaram a forma e ditaram o ritmo das presentes traduções. Como García Gual, também nós pensamos que «a versão dos poemas da lírica grega é um reflexo pálido do que foram esses poemas. Como às velhas estátuas, nada pode devolver-lhes as suas cores frescas nem os membros perdidos; todavia, ainda é possível saborear a graça dos seus sorrisos arcaicos e dos

⁸ *Antologia da Poesia Lírica Grega*, Madrid, 1980, pág. 7.

seus olhos de amêndoa e a inimitável elegância
duns cabelos anelados, penteados com afectada
negligência há mil e quinhentos anos, e das pregas
duma túnica debruada de vermelho que deixa
entrever um peito ou o garbo de um andar
apressado»⁹.

⁹ *Idem*, pág. 9.

ALCEU

1 (308 L-P)

Salve, ó tu que reinas
em Cilene, pois que é meu
intento um hino consagrar-te,
a ti, a quem
nos cumes luminosos
Maia gerou através
da união com o filho
de Cronos, rei
todo-poderoso

2 (327 L-P)

...o mais terrível dos deuses,
o filho de Íris de belas sandálias
unida a Zéfiro de cabeleira de ouro.

Gloriosos filhos de Zeus
e de Leda, Castor e Pólux, deixai
a ilha de Pélons e vinde
aqui, de espírito propício.

Vós, que a vasta terra e o mar
inteiro percorreis em vossos
velozes corcéis e sem
dificuldade os homens
da cruel morte salvais,
saltando de longe sobre
os mastros dos navios
de sólidos bancos, por
entre as fulgurantes
enxárcias caminhando,
na tormentosa noite a luz
trazendo à escura nau.

Penoso e intolerável mal, a Pobreza,
que, com sua irmã, a Impotência,
duramente o povo submete...

E de nada nada nasceria.

De novo esta onda, como a anterior, avança
e será para nós duro trabalho
esvaziar o barco, quando ela o invadir...

.....
Protejamos depressa
[os flancos] e corramos
a um porto seguro.
Que cada um de nós
se não deixe tomar
de um fraco receio.
Grande é o perigo
à nossa frente. Lembrai-vos
dos passados trabalhos. Que
cada um se mostre, hoje,
um homem experimentado.
Não façamos corar,
por cobardia, os nossos
valentes antepassados
que jazem sob a terra.

Não entendo a luta dos ventos. Rola
uma onda daqui, outra dali. E nós,
no meio, somos arrastados
com a escura nau, duramente
sacudidos pelo forte temporal. Já a vasa
cobre o pé do mastro, toda
a vela é rasgada e dela
pendem enormes farrapos. Os cabos
cedem, e o leme...
Firmo os pés nas enxárcias
e apenas isso me mantém são e salvo...

Precisamos de embriagar-nos, é preciso
que todos bebam sem descanso, agora
que Mírsilo morreu.

Escondiam-se, de medo, como as aves
ante a súbita aparição
duma águia rápida.

Chove a mando de Zeus, e do céu
cai forte invernias. Estão
gelados os cursos de água.

Combate o frio atizando
o fogo, misturando
sem descanso o vinho doce
como o mel, e reclina
em seguida a cabeça sobre
uma almofada macia.

11 (335 L-P)

É preciso não entregar
o coração ao infortúnio.
Nada lucraremos, ó Bíquis,
com tristezas. O melhor
remédio é pedir
vinho e embriagar-nos.

12 (357 L-P)

Resplandece de bronze
a vasta mansão. Toda a sala
foi por Ares ornada
de cascos refulgentes, dos quais
pendem brancos penachos
de crinas de cavalo — ornamento
de cabeças de guerreiros. À volta,
suspensas em ganchos
que elas ocultam, grevas
brilhantes — defesa
para os duros dardos —, couraças
de linho novo e côncavos
escudos empilhados. Junto

deles, as espadas
de Cálcis e grande
número de cintos e túnicas
de guerra: tudo
o que não pode esquecer-se,
sobretudo quando
a tal empresa nos lançámos.

13 (333 L-P)

Porque o vinho
é o espelho dos homens.

14 (369 L-P)

Sorvendo ora o vinho mais doce
do que o mel, ora o vinho
mais picante que o harpão.

Ebro, o mais formoso
dos rios, tu
que rugindo através
da Trácia [, rica
em cavalos], junto
de Eno te lanças
no mar purpúreo.

E a ti numerosas raparigas...
...com suas ternas mãos...
...se enfeitiçam, como se fora unguento
a tua água divina.

Que alguém me ponha à volta do pescoço
um colar entrelaçado
de flores de anis e sobre
o peito me derrame
um suave perfume.

Bebe [e embriaga-te] comigo, ó Melanipo. Acaso
 pensas que, uma vez transposto
 o largo curso do caudaloso Aqueronte, a clara
 luz do sol verás de novo? Vamos, não alimentes
 tamanha ambição. O rei
 Sísifo, filho de Éolo, o mais
 engenhoso dos homens, também
 julgou escapar à morte. No entanto, apesar
 da sua astúcia, duas vezes o destino
 o fez transpor o caudaloso Aqueronte. Grande
 e pesado trabalho o filho
 de Cronos lhe impôs que sob a terra
 negra suportasse. [Mas vamos, não...]

Já sinto chegar
 a primavera florida...

Misturai depressa no vaso
 vinho doce como o mel.

19 (347 L-P)

Humedece o vinho a garganta, que o astro
já voltou. É penosa
a estação e tudo
esmorece com o calor. Entre
a folhagem, docemente
a cigarra canta... Floresce
o cardo. É a hora
em que as mulheres se tornam
mais fogosas e mais fracas
os homens, pois que Sírío
as cabeças abrasa e os joelhos.

20 (366 L-P)

O vinho, meu amigo, e a verdade.

21 (50 L-P)

Que sobre a minha cabeça
que tantos trabalhos
suportou e sobre
o meu peito grisalho
perfume alguém derrame.

.....

22 (346 L-P)

Bebamos. Porque havemos
de esperar pelas lucernas? O dia
tem a extensão de um dedo. Traz
as taças grandes, meu amor, as coloridas
taças. O filho
de Sémele e de Zeus aos homens
o vinho deu para esquecimento
de seus males. Enche-as
até transbordarem — uma
parte de vinho para duas
de água. E que uma taça
empurre a outra.

23 (342 L-P)

Planta a videira de preferência
a outro qualquer arbusto.

24 (341 L-P)

Diz o que queres: ouvirás
talvez o que não queiras.

25 (345 L-P)

Que pássaros são estes? Vieram
dos confins da terra, através
do oceano — gansos
de colorido pescoço e largas asas.

26 (10 L-P)

Que infeliz eu sou,
vítima de todos os infortúnios!
...odioso destino.
...uma dor incurável me feriu.
...Do meu peito receoso
sai um clamor
semelhante ao de uma corça.

27 (397 L-P)

A flor do terno outono.

28 (360 L-P)

Pois contam que Aristodemo
em Esparta proferiu um dia
estas palavras vigorosas: «O dinheiro
é o homem. A nenhum
pobre, com efeito, honra
nem dignidade se concede».

29 (359 L-P)

Filha da rocha e do mar acinzentado...
tu alegras o espírito das crianças,
ó concha marinha.

30 (374 L-P)

Abre, que venho da ronda, abre, peço-te, peço-te...

Divina Safo, a das tranças
de violeta e sorriso
de mel.

SAFO

1 (1 L-P)

Ó deusa do polí-
cromo trono, imortal
Afrodite, urdidora
de enganos, filha
de Zeus, não submetas,
ó poderosa, suplico-te,
a desgostos nem
a penas a minha alma,

mas vem aqui, como quando
outrora, uma vez,
de longe a minha voz
ouvindo, me escutaste
e, de teu pai deixando
a morada, vieste,
depois que teu carro
de ouro atrelaste.

Belos e velozes
pássaros te conduziam
à volta da negra
terra e, voando
do céu através
do éter, batendo
as ligeiras asas,
depressa chegaram.

E tu, ó ditosa,
abrindo num sorriso
teu rosto imortal,
perguntaste que novo
sofrimento era o meu
e porque de novo
te chamava, que
ardentemente desejava
meu louco coração.

«Quem queres tu que eu traga
de novo ao teu amor?
Quem te molesta, ó Safo?
Se agora ela te foge,
em breve para ti
correrá; se agora
recusa o que tu

lhe ofereces, ela
mesma to dará, e se
não te ama agora, em breve
te há-de amar, ainda
que a tal seja forçada».

Vem a mim outra vez
e livra-me de graves
cuidados, acolhe
tudo quanto o meu
coração deseja.
Sê tu própria a minha
aliada no combate.

2 (31 L-P)

Igual aos deuses me parece
o homem que, sentado à tua frente e próximo,
a tua doce voz escuta e o teu
riso amorável. Isso me faz

tumultuar o coração no peito. Ver-te
me basta, na verdade, para que
a voz me falte, a língua
se me fenda e um repentino

fogo subtil alastre
sob a minha pele, os olhos
se me escureçam, os ouvidos
me zumbam, o suor

me inunde, um arrepio
me percorra toda. Fico
mais verde do que a erva. Sinto
que vou morrer...

3 (34 L-P)

Em redor da formosa
lua, as estrelas
de novo escondem
seu rosto brilhante
quando ela, cheia,
brilha sobre a terra
em todo o seu fulgor.

Vem aqui, de Creta, a este templo
sagrado, onde há um gracioso
bosque de macieiras e altares
onde arde o incenso.

Aqui, a água fresca
canta através dos ramos
das macieiras, a sombra
das roseiras cobre todo o recinto
e das trémulas folhas
desce um sono pesado.

Aqui, o prado onde pastam os cavalos
já se cobriu de flores
primaveris e as brisas
sopram suavemente...

Vem, pois, ó Cípris, coroada de grinaldas,
e derrama graciosamente nas douradas taças
o néctar associado
aos festins.

5 (129 L-P)

...e a mim tu esqueceste-me...
Ou há alguém a quem tu queiras mais que a mim?

6 (160 L-P)

Agora vou cantar
com voz maviosa
uma canção, para alegrar
as minhas companheiras...

7 (42 L-P)

...O coração arrefece-lhes
e deixam cair as asas.

8 (104 *b*) L-P)

Tu, o mais belo
de todos os astros...

9 (123 L-P)

Subitamente a Aurora
de sandálias de ouro...

10 (39 L-P)

Velava-lhe os pés
uma túnica lavrada
— belo trabalho lídio.

11 (36 L-P)

Eu desejo
e procuro
com ardor...

12 (57 L-P)

Que saloia, coberta
de um vestido saloio,

te enfeitiçou o espírito,
ela que nem sabe
levantar a saia
sobre os tornozelos?

13 (33 L-P)

Pudesse eu, ó Afrodite
coroadada de ouro, obter
em sorte este quinhão.

14 (16 L-P)

O que de mais belo há
sobre a terra negra
dizem alguns que é
um esquadrão de cavalaria; outros,
de infantaria; outros ainda,
uma esquadra de navios.
Para mim é aquilo
a que cada um está
preso pelo coração.

Fazer com que isto seja
de todos entendido
é o que há de mais fácil. Na verdade,
Helena, que em beleza
a todos muito suplantava, abandonou
o mais excelente dos homens, para Tróia
navegou e, esquecida
da filha e dos pais queridos, deixou...

.....: Isso
me traz agora à lembrança Anactória,
que está ausente. Anactória cujo
gracioso andar e brilho
irradiante do rosto
mais desejaria ver que os carros
de guerra dos lídios e os soldados
com suas armaduras.

.....

15 (23 L-P)

Quando te vejo frente a mim,
parece-me que nunca Hermíone foi tão bela
e não julgo ousadia comparar-te
à loira Helena.

16 (26 L-P)

.....
Aqueles a quem fiz bem
— esses precisamente
me fizeram pior.....

17 (30 L-P)

.....
Nós, donzelas, velamos
toda a noite, cantando
o teu amor e o da noiva,
de seio ornado de violetas.
Mas desperta, ó noivo...
.....

18 (49 L-P)

Há muito já que eu te amava
apaixonadamente, ó Átis...

Parecia-me que tu eras
ainda uma criança
pequena e sem graça.

19 (44 L-P)

O arauto chegou...
Ideu... o veloz mensageiro...

.....

...e do resto da Ásia glória imortal.
«Da sagrada Tebas e de Plácia de águas
serenas, Heitor e seus companheiros trazem
em seus navios, sobre o mar salgado,
a gentil Andrómaca, de olhos
brilhantes. Vêm, com ela,
numerosos braceletes de ouro e vestidos
de púrpura, jóias variadas e inumeráveis
vasos de prata, e marfim. Assim falou.
O pai estremoso ergueu-se de pronto.
A notícia espalhou-se na cidade de praças

espaçosas e chegou aos seus amigos. As gentes de Ílion atrelam suas mulas aos carros guarnecidos de belas rodas, monta neles toda uma multidão de mulheres e raparigas de finos tornozelos. As filhas de Príamo vão em carros separados. Os homens, por seu turno, atrelam seus cavalos aos carros de guerra; os jovens acompanham-nos.....

.....
...avança para Ílion.

A flauta sonora misturava o seu som ao dos crótalos, as donzelas entoavam uma canção sagrada, e um som divino subia no ar.....
...ao longo de todo o caminho.....
vasos e taças...,
a mirra, a canela, e o incenso misturavam os seus aromas. As mulheres mais idosas soltavam brados de alegria e os homens todos invocavam, em altos gritos, Péon, o arqueiro, o deus da lira melodiosa, e entoavam um hino a Heitor e Andrómaca semelhantes aos deuses.

20 (147 L-P)

Digo que mais tarde alguém
se lembrará de mim...

21 (47 L-P)

Eros sacudiu-me o coração
como um vento que sopra
da montanha caindo
sobre os carvalhos.

22 (51 L-P)

Não sei o que hei-de fazer:
há em mim duas vontades.

23 (48 L-P)

Vieste. Fizeste bem. Eu ansiava por ti.
Tu, que aliviaste a minha alma
consumida pelo desejo.

24 (50 L-P)

Quem é belo é belo enquanto se olha,
mas quem é bom será
simultaneamente belo.

25 (43 L-P)

...mas vamos, amigas,
que o dia está próximo.

.....

26 (151 L-P)

...e o negro sono da noite
[lhe fecha] os olhos.

27 (53 L-P)

Vamos, filhas de Zeus,
puras Graças de róseos braços...

28 (54 L-P)

...descendo do céu, revestido
de uma clâmide de púrpura.

29 (166 L-P)

Dizem que Leda encontrou
um dia, escondido,
um ovo da cor
do jacinto.

30 (55 L-P)

Morta, repousarás sem que
jamais alguém de ti
haja saudades ou memória, pois
das rosas de Piéria não partilhas. Invisível
até na mansão de Hades, vaguearás
esvoaçando por entre
os obscuros mortos.

31 (120 L-P)

Não sou dos que guardam
sentimentos de rancor. Tenho
uma alma gentil.

32 (125 L₃-P)

...quando era jovem, costumava
entrançar coroas de flores.

33 (159 L-P)

Tu e Eros, meu servidor...

34 (82 L-P) ...

Melhor proporcionada é Mnasídica
que a delicada Girino.

Sem virtude,
a riqueza não passa
de um hóspede incómodo.
A união de ambas traz
a felicidade extrema.

E tu, Dice, adorna-te de coroas
de lindos ramalhetes e entrança
os ramos de anis com tuas
delicadas mãos, pois é certo
que as felizes Graças
só se dignam olhar
quem vai ornado
de flores e desprezam
as que não ostentam coroas.

.....
Sinceramente, a minha vontade é morrer.
Por entre abundantes lágrimas,

afastou-se de mim e disse: «Oh,
que horrível sofrimento, ó Safo!
É verdadeiramente contrariada

que te deixo». Eu respondi-lhe: «Vai,
não chores, e lembra-te de mim. Bem sabes
quanto te amei. Se não,

quero ao menos que lembres tudo o que
de belo e doce
nós vivemos: tantas

coroas compostas juntamente
de violetas, de rosas e açafão com que,
a meu lado, te enfeitavas; [tantas

grinaldas tecidas
de belas flores, enlaçadas
à volta do teu colo tenro; tantas

ricas essências e o régio
perfume com que tu
impregnavas a bela cabeleira;

e, deitada num leito
macio, junto a mim,
o desejo aplacavas...»]

38 (95 L-P)

Apossa-se de mim um ardente
desejo de morrer e contemplar
as margens do Aqueronte com suas
flores de loto húmidas
de orvalho...

39 (96 L-P)

...de Sardes, o pensamento
aqui volta muitas vezes. Quando [juntas
vivemos], semelhante
a uma deusa Arignota

firmente te julgava e nenhum canto
mais do que o teu a alegrava.

Entre as mulheres lídias
resplandece ela agora como, às vezes,
posto o sol, a lua
de róseos dedos todas
as estrelas eclipsando, sobre
o mar salgado e sobre
os floridos campos
a sua luz expande. É
então que o belo
orvalho se derrama e as rosas
abrem, abrem os delicados
cerfólios e as
aromáticas coroas-de-rei.

Vagueando sem cessar
por aqui e por ali, recordando
com saudade em sua
alma delicada a terna Átis,
o coração carregado de desgosto,
agudamente grita que a ela
nos juntemos.

40 (130-131 L-P)

De novo o irresistível Eros,
doce-amarga, invencível criatura,
me tortura, ó Átis. E tu,
ressentida comigo,
voas para Andrómeda.

41 (150 L-P)

Na casa dos que
cultivam as musas
não são toleradas
as lamentações.
Nem isso nos fica bem.

42 (5 L-P)

Cípris, e vós, Nereides, concedei-me
que são e salvo meu irmão
aqui regresse e tudo quanto
seu coração deseja
possa cumprir-se.

Que de todos os erros que um dia cometeu
possa absolver-se e daí venha
alegria para os seus amigos,
dor para os seus inimigos
e para nós mais nenhuma.

Que a sua irmã queira fazer participante
da sua honra, de suas cruéis penas
se liberte, dos antigos pesares...

43 (118 L-P)

Vamos, lira divina, fala-me,
torna-te audível.

44 (102 L-P)

Não consigo, mãezinha, tecer a tela,
vencida que estou de paixão por um jovem
graças à terna Afrodite.

Afortunado esposo, eis para ti
 consumada a união
 que escolheste. É tua a virgem...
 Gracioso é teu rosto, ó noiva, e doces
 como o mel teus olhos. Em tuas
 sedutoras faces o amor
 está derramado e Afrodite
 te distinguiu grandemente.

— Virgindade, virgindade,
 para onde vais, que me deixas?
 — A ti nunca mais
 voltarei, nunca mais.

Tal como, no alto dum ramo,
 no alto do ramo mais alto,
 a maçã se tinge de vermelho,

ali onde, na colheita, a deixaram
esquecida — a deixaram esquecida, não:
porque não puderam chegar-lhe...

48 (105 c) L-P)

Tal como, nos montes, os pastores
calcam aos pés um jacinto,
a flor purpúrea em terra...

49 (115 L-P)

A quem, amado esposo, te hei-de
em rigor comparar? A uma haste
flexível sobretudo te comparo.

50 (111 L-P)

Ao alto o tecto
— himeneu —
erguei, ó carpinteiros

— himeneu —,
que vem o noivo igual a Ares,
muito maior que um gigante.

51 (104 a) L-P)

Estrela da tarde, tu recolhes
tudo o que a luminosa aurora
dispersou, recolhes
a ovelha, recolhes
a cabra, reconduzes
o filho à sua mãe.

52 (141 L-P)

E então no *vaso* foi misturada ambrósia.
Hermes pegou numa concha e serviu os deuses.
E todos, erguendo as taças,
fizeram uma libação e auguraram
mil felicidades ao noivo.

53 (122 L-P)

...uma criança terna, delicada,
colhendo flores.

54 (143 L-P)

Grãos-de-bico dourados
cresciam sobre as margens.

55 (157 L-P)

...a soberana Aurora.

56 (136 L-P)

O rouxinol, de voz sedutora,
mensageiro da primavera.

57 (146 L-P)

Para mim, nem o mel nem a abelha.

58 (158 L-P)

Quando a ira se derrama no peito,
é preciso vigiar a língua desbordante.

59 (156 L-P)

Muito mais harmoniosa que a harpa,
mais dourada do que o ouro.

60 (167 L-P)

Muito mais branco do que um ovo.

61 (132 L-P)

Tenho uma filha, linda, a minha
querida Cleis. O seu
corpo é semelhante
a uma flor de ouro. Nem
por toda a Lídia, nem
pela amável [Lesbos]
a trocária.

62 (126 L-P)

Possas tu dormir no seio
duma terna companheira...

63 (154 L-P)

A lua cheia brilhava, e elas
permaneciam de pé
em torno do altar...

— Quero dizer-te uma coisa,
mas a vergonha impede-mo...
— Se tivesses a preocupação
do nobre e do belo
e a tua língua procurasse
nada dizer de mau,
a vergonha não se apoderaria
agora dos teus olhos
e dirias o que consideras justo.

— Morreu, ó Citereia,
o terno Adónis. Que faremos?
— Batei em vossos peitos, ó donzelas,
rasgai as vossas túnicas.

Deixa-te estar frente a mim, amigo,
e desvenda a meus olhos todo o teu encanto.

A morte é um mal. Assim os deuses
o entendem. Se o não fosse,
também eles morreriam.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- E. LOBEL e D. PAGE — *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*,
Oxford, 1955.
- D. L. PAGE — *Lyrice Graeca Selecta*, Oxford, 1968.

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	3
ALCEU	9
SAFO	25
Bibliografia Sumária	58

Composto e impresso por
Tipografia Lousanense — Lousã
para
Imprensa Nacional — Casa da Moeda
em Junho de 1986
com uma tiragem de dez mil exemplares
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM

CÓDIGO: 213019000

EDIÇÃO: 12.310.281

DEPÓSITO LEGAL N.º 7728/86

COLECÇÃO ESSENCIAL

1. IRENE LISBOA
por Paula Morão
2. ANTERO DE QUENTAL
por Ana Maria Almeida Martins
3. A FORMAÇÃO
DA NACIONALIDADE
por José Mattoso
(2.^a edição)
4. A CONDIÇÃO FEMININA
por Maria Antónia Palla
5. CULTURA MEDIEVAL
PORTUGUESA
(Séculos XI a XIV)
por José Mattoso
6. OS ELEMENTOS
FUNDAMENTAIS
DA CULTURA PORTUGUESA
por Jorge Dias
7. JOSEFA D'ÓBIDOS
por Vitor Serrão
8. MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
por Clara Rocha
9. FERNANDO PESSOA
por Maria José de Lancastre
10. GIL VICENTE
por Stephen Reckert
11. O CORSO E A PIRATARIA
por Ana Maria Pereira Ferreira
12. OS «BEBÉS-PROVETA»
por Clara Pinto Correia
13. CAROLINA MICHAËLIS
DE VASCONCELOS
por Maria Assunção Pinto Correia
14. O CANCRO
por José Conde
15. A CONSTITUIÇÃO
PORTUGUESA
por Jorge Miranda
16. O CORAÇÃO
por Fernando de Pádua
17. CESÁRIO VERDE
por Joel Serrão
18. ALCEU E SAFO
por Albano Martins

